As Montanhas e Santiago de Compostela

Coryright@2023 by Luiz Cavalieri
Segunda edição revista e ampliada 2025

Impresso no Brasil

ISBN 978-65-266-0131-0

Cavalieri, Luiz Valério Pedrosa

As Montanhas e Santiago de Compostela / Luiz Valério Pedrosa Cavalieri – Joinville: Clube de Autores Publicações, 2023, 291 p.

ISBN 978-65-266-0131-0

Índices para catálogo sistemático
1. Santiago de Compostela (Espanha) – Descrições e Viagens. 2. Peregrinação – Relatos. 3. Montanhas – Narrativa. I. Título

Clube de Autores Publicações S/A
Av. Juscelino Kubitscheck, 350 - 2º andar
89201-100 Joinville – SC
www.clubedeautores.com.br

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, utilizando-se quaisquer meios.

Para meu filho Miguel
e minha companheira de jornadas Simone

PRÓLOGO

Calma, leitores e leitoras, não vou começar explicando o porquê de ter escrito este livro. Mas algumas informações tornarão a leitura um pouco mais leve, assim espero…

A peregrinação ao túmulo do apóstolo Tiago, o Maior, que realizei em 2022 na companhia de minha esposa, me fez correlacionar o dia a dia do Caminho Francês até a cidade de Santiago de Compostela, que possui praticamente 780 km de extensão, com minhas experiências escalando altas montanhas. Então, misturo os textos dessas duas realidades propositalmente e o leitor ou leitora necessitarão discernir quando mudar o canal de peregrinação para montanhas e vice-versa. Não há ordenação lógica, podendo o capítulo ser iniciado no Caminho ou em algum lugar gelado pelo mundo. Mas não fiquem preocupados pois este não é um livro de charadas e espero que a leitura seja aprazível.

Escalei minha primeira alta montanha, o *Aconcagua*, com 53 anos de idade, em 2015. De lá para cá participei de vinte e duas expedições para vários outros destinos e coletei experiências boas e ruins, que costumo expor nas conversas com os amigos perguntadores. Eles sempre acham estranha essa minha vontade de subir montanhas mas, como diz o ditado “cada louco com suas manias” e riem das dificuldades, assim como me parabenizam pelos sucessos. Hoje eu pertenço a um seleto grupo de montanhistas brasileiros que possuem mais de dez cumes acima de 6.000 metros nos Andes, batizado simpaticamente como Clube dos 6.000. Em verdade eu alcancei trinta e três cumes acima de 6.000 metros

nessa Cordilheira e, como já sou sessentão, alcançar esta marca, para mim, é motivo de orgulho mas não de vaidade. O legal é estar na montanha, pouco importando marcas e recordes e minha fase profissional agora está no passado, pois sou aposentado. Portanto, sou um montanhista amador e velhote mas, como falava o saudoso Chorão, na atividade.

Outrossim, discorro o texto utilizando, principalmente, o gênero masculino mas peço que as leitoras não se sintam excluídas ou desprestigiadas, muito pelo contrário. Quando menciono hipoteticamente o peregrino, não coloco um (a) para caracterizar o gênero feminino logo após a palavra, mas o conceito exposto certamente abrange os dois gêneros. Da mesma forma ao utilizar termos como o montanhista, escalador ou qualquer outra menção semelhante que esteja no texto. As mulheres moram no meu coração, principalmente minha esposa Simone, que ditou o ritmo na peregrinação e “mandou muito bem”…

Nos apêndices eu apresento uma lista das montanhas acima de 5.000 metros que escalei e outra, preparada por minha esposa ao longo da peregrinação, com as distâncias percorridas diariamente. Pensei em adicionar um glossário com os significados de algumas palavras frequentemente utilizadas no montanhismo mas que poderiam gerar dúvidas aos não familiarizados com o esporte e decidi não fazê-lo. Com os recursos de internet hoje vigentes é mais prático para o leitor visualizar os equipamentos em algum buscador que lhe seja mais conveniente, com a exata noção de sua serventia.

No mais, espero que tenham uma boa leitura.

Luiz Cavalieri

16/05/22 ESPANHA Capítulo 1

Como são as coisas… Viajo, há anos, sem qualquer problema relevante nos Aeroportos. Eu e minha família viajamos várias vezes para os Estados Unidos, que tem uma política rigorosa referente à imigração, quase intolerante após o evento de 11 de Setembro de 2001. Viajamos, inclusive, após esse complicado *crash* das torres gêmeas e mesmo com as diversas verificações na entrada do país – com direito a passagem de um unguento esquisito nas mãos do meu filho, àquela época com seis anos – passamos sempre sem percalços.

Pensando bem, tive uma complicação saindo sozinho do *Alaska* quando, por esquecimento, coloquei em minha mochila de mão um presente para minha esposa, três tubos de creme para as mãos, cada um deles com uns 250 ml. Certamente fui vetado no controle de bagagem. Voltei rapidamente ao guichê de embarque e, depois de uma chorada básica com a atendente, que em princípio se mostrou inflexível mas depois de alguma insistência inseriu o presente em minha bagagem, resolvi o problema. Diga-se de passagem que minha mala estava visível a um metro de distância da atendente. Aquele estado republicano é extremamente rígido no atendimento a suas regras internas. Por lá as pessoas são praticamente inflexíveis.

Enfim, não me lembro de problema semelhante até esse evento na viagem a *Madrid*; e foi doloroso… Perdi meu canivete de estimação, presente do grande amigo Ricardo Motta, que foi à Suíça e fez questão de me trazer o *regalo*, incluindo uma inscrição com as

iniciais de meu nome e um dos apelidos que me acompanham: Matéria. Se sobrar tempo, faço uma resenha deste apelido, que vem dos tempos em que trabalhava na selva amazônica, no meio do mato. Bons tempos… Mas voltemos ao caso que me cerca, do canivete. Saí do Rio de Janeiro com destino *London* x *Madrid* x *Pamplona*. Muitas escalas e, aí sim, possibilidades para extravio das bagagens. Por que Londres? Pergunte para a Ibéria. Os voos oriundos do Rio de Janeiro capitaneados pela Ibéria utilizam o *hub* da *British Airlines*. Tempos bicudos, soluções complexas... Em função dessas conexões, resolvi utilizar a mochila de minha esposa, bem compacta, com capacidade para 35 litros e repassei para ela minha mochila de 28 litros, que uso nos ataques aos cumes de montanhas. Desta forma, a mochila cargueira que eu utilizaria na peregrinação ficaria em casa. Toda essa ginástica minimalista serviria para diminuir nosso peso mas, principalmente, para podermos carregar as mochilas em todas as escalas da viagem sem a preocupação do extravio de bagagem. Até esse ponto tudo certo e justo como o paletó do Augusto ou justo e certo como o paletó do Alberto, como já dizia meu professor de Resistência dos Materiais, na época de Faculdade.

O pateta aqui somente esqueceu que estaria carregando o bendito canivete, que se encaixa perfeitamente nos vetos das companhias aéreas. Sem apelação, objetos cortantes… E eu nem aí. Feliz e faceiro… Passei pelo aparelho de raios-x do Rio de Janeiro e embarquei para Londres. Naquela capital outro controle e embarquei para *Madrid*. Em *Madrid*, já no terceiro controle

monitorado, tive a mochila separada, aberta com todas aquelas feições zangadas e irritadas e a pergunta fatal…

– O Sr. está portando um canivete?

– Sim, com certeza, vou utilizar na peregri…

– Está confiscado!!

Chegou uma superior ou ao menos parecia ser, pois estava com um semblante mais fechado que o do agente que me "descobriu" e perguntou:

– O Sr. vem de onde?

– Do Brasil, passando por Londres.

Ela deve ter pensado: Peguei o cara na mentira…

– Me mostre seus *boarding passes*.

Tem gente que joga fora esses papéis. Eu sempre os guardo, nem que seja para solicitar milhas retroativas. Quando ela viu os papéis, desfez um pouco a cara fechada, talvez pensando como eu teria passado por tantos *check-points* com aquele objeto maléfico, que mais parecia um cortador de unhas bem alimentado. Mas foi somente por um segundo, quase imperceptível. Não teve perdão, por mais que minha esposa, naquele momento, tentasse argumentar e pedisse com todo o jeito. Perdi meu presente, que tinha me acompanhado em várias e várias expedições e viagens, mas sempre despachado. Essa constatação é que foi a pior: não adianta ser viajado; é preciso ser viajado e atento. Fiquei muito chateado, ainda mais porque estava no chão gelado, tentando persuadir a policial espanhola de mau humor a me deixar passar com o canivete. Eu estava sem minhas botas, que também pediram para

retirar. De qualquer maneira, tivemos que nos resignar com a situação e fomos para o saguão do aeroporto aguardar a conexão para *Pamplona*, que sairia muitas horas depois.

Minha esposa estava zangada, eu estava zangado, não havia lugar para jantarmos, pois chegamos em *Madrid* às 23:30 h, mas como nada é tão ruim que não possa piorar, resolvemos afogar nossas mágoas em um *sundae* do MacDonald's. Por sinal, apaziguou bastante nosso mau humor. Essas sensações ruins passam de uma pessoa para outra e uma das coisas mais importantes que estava procurando no Caminho era a manutenção da paciência…

Enquanto esfriava a cabeça com o sorvete do MacDonald's, fui me inteirar das notícias na internet, já que não havia mais nada a fazer no saguão, que estava praticamente vazio e sem qualquer loja aberta. E a primeira chamada que abri apresentava uma pequena reportagem sobre o avião da *China Eastern* que havia caído no mês de março passado (2022), com 132 vítimas. Os dados atuais – maio de 2022 – informados pela equipe de investigação do acidente demonstraram que a caixa-preta esclarecia todos os comandos repassados à aeronave, que realizou uma série de quedas abruptas e sequenciais culminando com o choque na lateral de uma montanha. Não sobrou nem parafuso, como se dizia antigamente. Desastre completo. Uma das hipóteses é que algum fanático ou lunático tenha invadido a cabine dos pilotos e, propositalmente, desgovernado o avião. Mesmo que a investigação ainda esteja no campo das especulações, para que a hipótese não tenha sido

descartada alguma coisa pode ter sido captada para mantê-la ainda vigente. Considerando que alguém tenha invadido a cabine, até com um pequeno canivete é possível atacar a tripulação e desestabilizar uma aeronave. Não sei se aconteceu tal possibilidade mas uma coisa é certa: agasalhei a perda do canivete no momento em que li a reportagem, a primeira que havia aberto. Nesses detalhes é que pode morar o perigo.

Depois de pensar no assunto, fui tomar outro *sundae* e agradecer por não ter sido confundido com um velho terrorista doido. Já pensou se eu tivesse continuado a discutir com a oficial do aeroporto? Ao invés da peregrinação à cidade de *Santiago de Compostela* eu poderia estar dando explicações, sabe-se lá para quais perguntas em alguma salinha gelada do Aeroporto de *Barajas*, sob o olhar atento de policiais espanhóis. Quer saber? Tudo certo. E comecei, imediatamente, a refletir sobre as etapas seguintes, que seriam *Pamplona* e *Saint-Jean-Pied-de-Port.* A chegada à Espanha já era passado e haveria muita coisa por vir...

18/05/22 SAINT-JEAN-PIED-DE-PORT
Capítulo 2

Chegamos cedo no aeroporto de *Pamplona* e, ao desembarcar, imaginamos que estaria recheado de peregrinos buscando condução para *Saint-Jean-Pied-de-Port*, o ponto inicial de nossa peregrinação, uma cidade francesa bem simpática a 15 km, aproximadamente, da fronteira com a Espanha. Qual não foi a nossa surpresa ao verificarmos que éramos os únicos com aquele destino e que poderíamos optar por um deslocamento até a rodoviária ou sair diretamente do aeroporto, pegando um táxi. Como estávamos bastante cansados das várias esperas nos saguões desconfortáveis dos aeroportos, resolvemos optar pelo táxi, mesmo sendo o dobro do valor que despenderíamos nos deslocando de ônibus. O motorista que nos transportou até *Saint-Jean-Pied-de-Port* era muito conversador e foi nos repassando várias informações sobre as atividades da cidade de *Pamplona*, sua cultura, festividades e a economia baseada na indústria. Ele não havia realizado a peregrinação mas nos informou que aquele primeiro trecho seria a etapa mais difícil da viagem, que cruzaríamos várias montanhas, que o sol seria abrasador, que muita gente desistia logo no início e outras cantilenas parecidas. Quanto mais ele falava mais animado eu ficava. Subo montanhas com mais frequência há sete anos e exatamente essa sensação de desafio e liberdade é o que procuro nesses trechos montanhosos. Obviamente ainda não havíamos realizado um itinerário tão longo e com trajetos diários tão extensos mas era exatamente este tipo de dificuldade o que procurávamos.

Para não dizer que desconhecíamos a dificuldade, participamos anualmente da Caminhada Mariana de Macaé – município em que moramos desde 1996 – que sai da Igreja de Santo Antônio, situada no bairro Visconde de Araújo, na cidade, e segue até a Igreja Nossa Senhora das Neves, na zona rural de Córrego do Ouro, distante quase 36 km do início do trajeto. Na chegada à localidade rural, almoçamos na praça central, assistimos a missa campal celebrada pelo Padre Gleison, também peregrino, e voltamos de ônibus para Macaé. A caminhada é realizada em sete horas e sempre a terminamos com bolhas nos pés e muito cansados. Agora serão 30 dias ininterruptos. Dureza…

Esses pensamentos passavam pela mente enquanto minha esposa capotava de sono nas curvas da estrada. Afinal, foram 48 horas de viagem, entre voos e esperas em aeroportos, dormindo em bancos metálicos gelados e completamente desconfortáveis, sonhando com canivetes perdidos… Eu sempre encaro essas esperas, quando acontecem, como uma preparação para as condições precárias das montanhas. Mas confesso que essa tática às vezes dá certo e outras vezes faz com que eu tenha saudades de minha cama confortável… Desliguei do motorista e foquei na paisagem montanhosa e repleta de árvores, enquanto balançávamos nas várias e várias curvas da estrada. Um momento de introspecção, satisfação e muitas dúvidas. Caramba, vai ser barra pesada…

Retornei ao solo assim que chegamos em um largo, no centro de *Saint-Jean*, próximo ao hotel que reservei ainda no Brasil. Para

me ambientar, paulatinamente, aos locais de viagem, tenho a mania de procurar no mapa o local de hospedagem e descer em outro ponto próximo. Daí, vou buscando na memória para onde tenho que me deslocar e navego. Às vezes cometo uns erros bisonhos, mas, em geral, acerto e me sinto satisfeito com isso. Deixamos nossas mochilas no hotel, enquanto preparavam nossa habitação e fomos passear; afinal, nós precisávamos de um carimbo em nossos Passaportes Peregrinos e não estávamos em um albergue credenciado. Se recomenda que os Passaportes recebam dois carimbos por dia, caracterizando o itinerário do peregrino ao longo do Caminho e eu gostaria que a nossa primeira identificação fosse oficial, de preferência bem vistosa… Minha preocupação foi rapidamente resolvida no *Office de Tourisme*, com a aplicação do carimbo, um mapa da cidade no bolso e uma dica quente de um restaurante frequentado pelos "minhocas", pois estávamos com uma fome enorme… E não nos decepcionamos com o restaurante, que era realmente excelente; comemos um tradicional prato de queijos com salada e fomos andar pela cidade.

A *citadélle* de *Saint-Jean* é bem bonita e me remeteu àqueles tempos antigos, nos quais uma fortaleza daquelas marcava a diferença entre seu pescoço ficar intacto ou não. E, por incrível que pareça, a muralha foi muito mais importante nas disputas entre França e Espanha do que nas batalhas com os mouros ou sarracenos, a denominação clássica para todos os árabes que habitaram a Península Ibérica durante vários séculos. Os árabes chegaram a fundar mais de 70 universidades em uma época

europeia feudal, que praticamente não possuía história escrita fora dos monastérios. Esse período acabou sendo denominado Idade das Trevas, por esse e vários outros motivos, e os árabes disputaram cada palmo da península em batalhas cruentas.

Eu tenho uma outra mania – velho é cheio de manias – de pensar como teria sido este ou aquele local 100 anos antes e 200 anos antes e 300 anos antes… Quais modificações, adaptações, percalços, guerras, disputas de trono teriam ocorrido em tais locais, muitas vezes atacados e defendidos, valendo a cabeça dos contendores. E aquela cidadela, assim como todas as outras que conheci em vários locais diferentes, é repleta de pequenas seteiras e ameias para a passagem de flechas e lanças, que devem ter sido contestadas por escadas de ataque e grandes pedras lançadas. É um exercício de fantasia pensar nas batalhas que devem ter sido travadas, necessariamente, naquelas muralhas… E não pude deixar de imaginar que devem ter sido tempos bicudos. Rodeamos a cidadela em 30 minutos, talvez, e saímos em uma igrejinha muito simpática, em estilo gótico, na qual pudemos fazer uma pequena oração, pedindo que o Caminho nos trouxesse mais serenidade e compreensão e paciência e tolerância mas, o que eu realmente achava é que nos traria muito rapidamente um montão de bolhas as quais, esperávamos, pudessem ser transformadas em calos bem generosos.

Bolhas já me tiraram de algumas montanhas. Lembro-me bem quando estava tentando o *Denali*, no *Alaska*, uma das montanhas pertencentes ao Projeto 7 Cumes, e minhas botas duplas me

geraram duas bolhas enormes, uma em cada calcanhar. E, como você escala essa montanha sobre um glaciar em grande parte do trajeto inicial, suas roupas e demais equipamentos vão ficando muito úmidos. E não há muito jeito de secá-los. Então sua pele vai ficando enrugadinha e daí para ficar com bolhas nos pés é muito rápido. Dos onze dias nos quais permaneci na montanha, oito foram sob nevasca. Não qualquer nevasca mas uma daquelas em que a neve sopra na horizontal e finca dezenas de vezes sua roupa ou pele exposta, sem dó nem piedade. Tentei proteger o local afetado dos calcanhares com pomadas e bandagens mas a ferida na pele somente piorava. Não passei da metade da montanha e, dos seis clientes da expedição, somente um fez cume. Quando saí de lá, triste por não ter conseguido atingir o objetivo mas feliz por ainda estar vivo e consegui me ver no espelho, notei minha condição deplorável e constatei que a pior parte eram os pés. As bolhas estavam quase no osso e, até hoje, preciso proteger os locais afetados pois, se bobear, elas aparecem novamente, até em uma caminhada sem pretensão. Imaginem aqui, na peregrinação… Mas isso é preocupação para amanhã, primeiro dia da jornada até o túmulo do apóstolo Tiago...

19/05/22 RONCESVALLES Capítulo 3

Nas descidas das montanhas é que mora o perigo. Quando se está subindo a concentração é total. Qualquer passo é importante; a maneira como ajustamos os *crampons*, quando a neve pede, é importante; nossas várias camadas de roupas, que precisamos gerenciar durante o trajeto são extremamente importantes, em um frenesi de retira e repõe; o ajuste de seus óculos para evitar a cegueira da neve é importante; o posicionamento das bandanas sobre a boca é importante; ou seja, como diz o ditado: todo o cuidado é pouco. Tudo pelo objetivo, que é o cume. Se bem que o objetivo verdadeiro é voltar inteiro. Sempre penso assim e já utilizei esse argumento algumas vezes.

Em duas ocasiões, ao menos, se eu tivesse ultrapassado minha própria aceitação de risco, teria me quebrado feio. Cada um tem seu limite de risco definido e muitos não tem qualquer limite, sendo isso mais comum do que se pensa… Mas sempre que o meu "CR" – Coeficiente de Risco – foi alcançado, resolvi retornar sem o cume mas com todos os dedos, nariz, pés e mãos intactos. Alguns ficaram meio geladinhos, não há o que contestar, mas nada que uma semana de repouso não resolvesse...

Quando os limites são ultrapassados, seja por irresponsabilidade, seja por fraca ou errônea avaliação das condições da montanha, seja por falta de uma previsão de tempo adequada ou, até mesmo, se o escalador não está tecnicamente preparado para o desafio, o sinal vermelho se acende, sem que o

fanfarrão se dê conta. Daí para a frente é a sorte ou azar do momento e o azar, quando acontece, cobra o preço.

E a descida torna-se crítica em função do esforço e concentração utilizados na subida. Quando se alcança o cume, a descida é realizada naquele estado de euforia extrema e sua concentração oscila, com a satisfação do objetivo alcançado, muitas vezes depois de vários e vários dias de esforço na montanha. Quando menciono vários, digo 15, 20, 30 dias ou mais… Então imaginem o estado de espírito do escalador quando consegue atingir o topo. A adrenalina despendida é tão intensa que a mente acaba ficando meio embotada, não somente pela altitude… Em contrapartida, quando o escalador não consegue alcançar o cume, desce de cabeça quente e também pode cometer erros. De maneira geral a pessoa está exausta e querendo voltar rapidamente para a barraca ou refúgio, dependendo de onde esteja. Nas montanhas mortais – *Annapurna*, *K2*, *Everest*, por exemplo – a maioria dos acidentes acontece nas descidas dos ataques ao cume, quer tenham sido bem-sucedidos ou não.

Sempre que volto do ataque ao cume, sofro quedas. Meus amigos até ficam atrás de mim para fotografar meus deslizes e colocar nas redes sociais. Não sei como conseguem fazer isso tão rápido. Para mim, um Tiranossaurus Rex em assuntos tecnológicos, é um mistério. O pior é que ainda colocam aquelas vinhetas ridículas com *weee* no final, que são para tripudiar do velhinho. Já expliquei que tenho um problema no quadril, perco às vezes a estabilidade, etc., mas não há jeito; algo como “perco o amigo mas não perco a

piada". E o *weee* rola solto… São tombos de todas as formas, incluindo alguns de frente mas eu, milagrosamente, não me machuco muito.

Apenas uma vez, quando estava descendo o *Acamarachi* – ou *Pili*, montanha localizada no Chile e pouco escalada por brasileiros – separado do grupo, em um trecho muito pedregoso, com muitas pedras sobre pedras sobre mais pedras, meu pé deslizou em um grande matacão, que rolou. Como o matacão foi descendo entre minhas pernas, pensei que poderia quebrar o pé e me lembrei daquele desenho do "Urso do cabelo duro" rolando montanha abaixo equilibrado em uma pedra. Quando me dei conta do problema me joguei de lado sobre uma cama macia de rochas de todos os tamanhos, formas e, o que é pior, pontas, como se estivesse numa piscina de bolinhas de festa de criança. Nada contra aquelas piscinas mas eu estou fora. A diferença é que no *Acamarachi* eu estava muito dentro… Consegui escapar da pedra rolante, que deve ter descido ao menos uns dois metros, mas não do mergulho acrobático na piscina da montanha. Ainda tive o raciocínio de soltar meus bastões, pois poderiam me forçar a algum movimento descontrolado, como se eu tivesse algum controle sobre a situação. Bati com a cabeça em dois lugares, um deles com muita força e pensei, na hora: quebrei a cabeça!! Cocei com força pensando que minha mão sairia vermelha mas não houve sangramento. Por sorte, naquele instante, eu estava utilizando o capuz da jaqueta de pluma e uma bandana para proteção do frio nas orelhas. Se eu não estivesse com o capuz, acho que teria

desacordado, porque foi uma pancada e tanto. Mas o pior é que, quase imediatamente, olhei para cima, verificando se alguém tinha visto e fotografado o velho tonto rolando montanha abaixo. Seria mais um *weee* para a já vasta coleção. Eu todo ferrado e pensando na má fama já criada… Brincadeira… Me levantei com a cabeça latejando e recomecei a descer até o carro, feliz por não tê-la quebrado. Imaginem, 60 anos e de miolo mole. Seria o fim da picada… Se vão aparecer sequelas, somente o tempo dirá. Por enquanto está tudo certo, ou será serto??

Mas o que eu queria contar é que tomei um tombo ridículo no primeiro dia de peregrinação, quando saí de *Saint-Jean* rumo a *Roncesvalles*. Como é um trecho íngreme atravessando a parte baixa dos *Pirineos* e, para complicar, o primeiro dia de exaustivos 30 dias, o corpo ainda não está acostumado com aquela pancadaria. Em uma das paradas para beber água, eu e minha esposa ficamos próximos à beira da estrada, em um bosque bem agradável, com declividade branda para baixo. Lugar ideal para me esconder dos peregrinos e fazer o número 1, enquanto Simone comia alguma coisa e descansava, me aguardando. Na volta, ao invés de subir para a beira da estrada na qual estávamos trafegando, resolvi ficar sobre uma raiz de árvore, grande mas nem tanto, em uma posição sombreada ao lado da beira, arrumando minha mochila. Língua de esposa é pior do que língua de sogra e Simone soltou:

– Não vá cair, que eu já te conheço…

– Pára Simone, não amola, até parece que eu vou...*weee*…

A raiz cedeu, a mochila começou a querer cair e o velhote a querer proteger a mochila novinha e rolei, abraçadinho à bendita, encosta abaixo. Dei uns dois trambolhões e me levantei muito irritado com a profecia da esposa. Mas muito mais irritado fiquei quando um senhor peregrino, que estava passando e que deveria ter uns 200 anos de idade, me perguntou:

– *Do you wanna help*?

Era só o que me faltava…

– *No, thanks. I'm ok*.

Respondi com um sorriso de orelha a orelha que era o que me restava fazer. Tirei as várias folhas de árvore coladas ao cabelo e roupas, enquanto minha diletíssima esposa ria e falava a expressão mágica do mantra da desgraça alheia: *weee*… Pensei, melhor andar, pois ainda faltam centenas de quilômetros para o sepulcro do apóstolo. *Weee…*

Esse primeiro dia de caminhada é muito interessante pois atravessamos a parte baixa dos *Pirineos* e, após quinze quilômetros de caminhada por uma estrada vicinal asfaltada, cruzamos a fronteira entre França e Espanha. De quando em vez passava algum carro, além de um grupo de motoqueiros em comboio turístico que nos acompanhou por alguns quilômetros. O tempo começou fechado, com aquela cerração que não gera visibilidade mas após ultrapassarmos a barreira de nuvens o céu azul nos acompanhou até *Roncesvalles*. A paisagem pedregosa estava sempre presente, inclusive como pedestal para a imagem da *Virgen de Biakorri*, primeira santinha da peregrinação. Ao fundo podíamos avistar a

parte alta e nevada dos *Pirineos*, somente visível devido ao contraste com o céu azul e fizemos nossa primeira oração no Caminho, agradecendo pela oportunidade de realizar aquele projeto há tanto planejado. O calor estava desentorpecendo a musculatura após a fria subida pelo lado francês e alguns peregrinos apresentavam sinais de cansaço já naquele trecho. Passamos por uma senhora prostrada no acostamento sendo ajudada por outros peregrinos, um dos quais parecia ser o marido. De repente encostou uma caminhonete, desceram dois paramédicos provavelmente acionados por celular e embarcaram a peregrina e o senhor que a estava amparando. Durante a peregrinação veríamos várias indicações de telefones de emergência para peregrinos, mesmo em locais remotos e esse fato gerou uma certa tranquilidade por entendermos que o recurso estaria disponível caso necessário.

Quase na fronteira espanhola vimos um grupo de peregrinos parado na estrada, comendo e descansando. Ao virar uma curva acentuada descobrimos um *food truck* que anunciava o último carimbo francês antes da entrada em solo espanhol e vendia Coca-Cola e bananas. Certamente paramos, carimbamos nossos Passaportes Peregrinos com todo o orgulho e comemos algumas bananas para aumentar o potássio, como bons brasileiros. O banheiro era a céu aberto, em uma depressão no acostamento e o primeiro da fila vigiava a “entrada” do local improvisado. Simone encarou, eu não… Esse trecho fronteiriço, apesar de atravessar um terreno montanhoso, apresentava pequena declividade e quando começamos a descê-lo somente paramos ao chegar na *Real*

Colegiata de Santa María de Roncesvalles. A trilha seguia em um zigue-zague prolongado mas vários atalhos já haviam sido produzidos pelos milhares de peregrinos anteriores e descemos o trecho quase em linha reta. Ao longe víamos um imenso telhado mimetizado na extensa vegetação, que entendíamos ser o nosso ponto de chegada. Como entramos na edificação pela parte traseira ficamos sem saber para onde nos dirigir até que um peregrino vendo minha feição interrogativa somente me indicou uma direção, sem nada dizer. Chegamos em um grande pátio lateral meio escondido e vimos a longa fileira de peregrinos que aguardava ser atendida. Nos integramos na fila e notamos que não havia peregrinos muito sujos o que me fez imaginar que seriam quase todos provenientes de *Saint-Jean-Pied-de-Port*. Nós éramos atendidos em grupos de dez pessoas e foi tudo bastante organizado apesar da grande quantidade de peregrinos. Preenchemos um formulário bem simples, pagamos o pernoite, compramos o *voucher* do jantar, carimbamos os Passaportes Peregrinos, recebemos um *folder* com as informações da instalação e fomos direcionados para um dos hospitaleiros que nos levaria até as acomodações. Aquele primeiro dia havia sido cumprido. Se conseguiríamos chegar ao final não tínhamos ideia mas a largada havia sido dada...

20/05/22 LARRASOAÑA Capítulo 4

Todos falam que planejamento é essencial. Principalmente os dirigentes de futebol quando o time é rebaixado. Quando o time cai de divisão todos correm a informar que no ano seguinte vão melhorar o planejamento, que é fundamental e blá-blá-blá, e no outro ano o time apresenta os mesmos problemas.

Qualquer planejamento necessita ser idealizado por pessoas que conheçam o problema que estão gerenciando. Este conceito pode parecer óbvio mas já presenciei vários planejamentos serem preparados por profissionais que não conheciam amplamente o desenvolvimento das soluções. O resultado pode ser inesperadamente ruim. Além disso, um bom planejamento necessita ser corretamente levado a termo. Transformar as ações planejadas em ações executadas e, principalmente, bem executadas é uma ciência. Quem cumpre bem essa etapa vale muito no mercado de trabalho e é o famoso tocador de projeto. Fica com os cabelos brancos rapidamente, eu que o diga mas, para quem gosta de adrenalina, é um prato cheio. Para quem gosta de adrenalina, para quem gosta de pancadaria, para quem arranca seus cabelos e os dos outros também, pois ninguém é de ferro…

Mas, apesar do planejamento ser um produto que deva ser desenvolvido por pessoas que conheçam os problemas em pauta, sempre podem ocorrer imprevistos. No meio do projeto o coordenador pode receber uma proposta tentadora de uma empresa concorrente e o andamento das ações em curso fica em compasso de espera, até o substituto ter tempo para entender o contexto e

prosseguir com o empreendimento. Nesses casos, não há planejamento bem elaborado que produza milagres e os ajustes nos cronogramas são invariavelmente necessários. Quando esses imprevistos acontecem, a tomada de decisões para o replanejamento deve ser imediata. Quanto mais rápida e assertiva, menos estrago causará ao objetivo final. Todo projeto é replanejado. Todo. Não conheci qualquer projeto planejado e realizado exatamente como previsto. Não por culpa das equipes, que podem ser ótimas, nem por problemas de investimento ou compromisso em realizar o planejado, mas sim pelos imprevistos que estão sempre à espreita para te pegar desprevenido e te jogar na lona. Seu atacante de seleção toma um encontrão daqueles com o zagueiro adversário e fica lesionado por meses. Fazer o quê? Tem substituto? Claro que sim. É bom? É, mas não é o mesmo…

Se você está aclimatando para uma alta montanha durante 30 dias, prestes a entrar na última rotação, se preparando para subir definitivamente aquela trapizonga e acontece um imprevisto, você é jogado nas cordas. Chamamos aclimatação ao processo de adaptação de seu organismo à altitude, paulatinamente. A maneira clássica e segura de aclimatação é realizada por todo o escalador de alta montanha ao submeter seu corpo a altitudes maiores, voltando para descansar em altitudes mais baixas. Nas altitudes maiores, em função do ar mais rarefeito, o sangue transporta menos oxigênio para os tecidos do corpo e a reação natural do organismo é a produção de maior quantidade de hemácias, tentando contrabalançar a menor quantidade de oxigênio transportada por

cada hemácia. Com esse incremento produtivo, o sangue fica mais denso e o ritmo cardíaco acelera, não somente pelo esforço físico, mas também pela necessidade de bombear um líquido menos fluido pelos vasos do corpo humano. É comum ouvir alguns montanhistas reclamarem de dor de cabeça quando estão em processo de aclimatação. Ela é causada pela dificuldade do sangue circular no cérebro, pressionando a caixa craniana. Caso o montanhista não consiga adaptar seu organismo às condições de altitude, além da dificuldade na captação de oxigênio ocorrerá o aumento da fadiga corporal e a possibilidade de surgirem edemas que podem gerar o colapso físico. A alternativa é baixar rapidamente o montanhista para altitudes mais baixas, visando aumentar a oxigenação sanguínea e melhorar sua condição cardiovascular.

Em montanhas de altitude elevada, acima de 7.000 metros, são necessários, em geral, três ou quatro movimentos de ascensão e descida para que seu corpo se habitue às condições do ambiente. Cada ascensão busca um patamar mais elevado do que o anterior e esses movimentos são denominados rotações. Para o *Everest*, somente exemplificando, são necessárias quatro rotações e aproximadamente 55 dias de permanência na montanha. O acampamento base do *Everest*, pelo lado nepalês, fica a 5.364 m de altitude e para alcançar os acampamentos mais elevados é necessário atravessar oito vezes a Cascata de Gelo do *Khumbu*, com suas 80 escadas de alumínio, em média, que possibilitam a passagem dos escaladores em processo de aclimatação. Essas escadas são instaladas anualmente no início da temporada de

escalada por uma equipe de *sherpas* dedicada exclusivamente a esse trabalho, tendo em vista que o glaciar está em constante movimentação pelas enormes pressões oriundas das precipitações na montanha. Ou seja, com quatro rotações, o escalador terá que passar pela Cascata de Gelo quatro vezes subindo e quatro descendo, passando por gretas enormes e muito profundas. É um exercício de sangue-frio. Pancadaria pura...

Além disso é fundamental a hidratação intensiva para que seu sangue fique mais fluido e o aparelho digestivo, principalmente seus rins, trabalhem corretamente e consigam filtrá-lo o melhor possível. Seu corpo, sem querer utilizar um clichê mais velho do que a velhice, é uma máquina e a altitude mexe bastante com todas as engrenagens. Daí a necessidade de acostumar seu corpo às agruras das montanhas, ou seja, aclimatar.

Eu estava no Nepal, tentando escalar uma montanha chamada *Himlung*, com 7.126 m de altitude. Seriam necessárias três rotações para o ataque final e aproximadamente 30 dias para atender o projeto. Tivemos alguns problemas climáticos, primeiramente com muita neve e, posteriormente, com muito vento. A montanha não nos deu trégua. Ou seja, o planejamento estava bem definido mas os imprevistos estavam acontecendo, em profusão. Apesar dos problemas climáticos nas partes mais altas da montanha, conseguimos realizar as duas primeiras rotações e ficamos aguardando uma janela de diminuição de vento para poder atacar o cume. Durante seis dias aguardamos melhores condições climáticas no acampamento-base. Faltando dois dias para a data

limite estipulada para o ataque, a partir da qual desistiríamos da montanha, comi um pastelzinho nepalês no jantar, chamado momo, e tive um tremendo “piriri”. Fiquei dois dias indo ao banheiro, que na montanha se configura em uma tenda com um buraco no chão para todas as necessidades – de todos os montanhistas, diga-se de passagem – e desidratei rapidamente. Imprevisto sem solução em dois dias… Quando eu deveria estar com toda a energia possível, eu quase não conseguia absorver calorias, ou seja, comer e beber. Tomei alguns remédios mas fazer o que perante o desafio da montanha? Infelizmente arrancar as calças pela cabeça não é possível, mas é exatamente o que você gostaria de fazer. Mas, oposto a isso, você abre aquele sorrisão Colgate e diz que montanha é assim mesmo, cheia de imprevistos, mas por dentro está se rasgando de frustração. Tempo, dinheiro, paciência, energia, tudo jogado fora pelos imprevistos. Eu sempre procuro ser positivo mas algumas vezes somente um bom grito no espaço para tentar diminuir a tensão. É importante não se desorientar com o insucesso, mas não dá para achar que tudo é um mar de rosas...

Quando possível o replanejamento é necessário e, se bem ajustado, consegue-se manter a consistência do projeto. Já pensando em realizar a peregrinação à *Santiago de Compostela* comprei um guia em papel há 10 anos, me desculpem os tecnológicos. O guia é espanhol e foi editado em 2012. Com algumas pequenas mudanças, os roteiros desse guia são muito semelhantes aos atuais. Para não dizer que estávamos na Idade da Pedra, baixei um *app* do *Eroski* para o Caminho de Santiago que,